

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LARISSE BORGES MILFONT

**IMPLICAÇÕES ACERCA DA AUSÊNCIA DE ACEITAÇÃO FAMILIAR DE
PESSOAS COM TEA: uma revisão de literatura**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

LARISSE BORGES MILFONT

**IMPLICAÇÕES ACERCA DA AUSÊNCIA DE ACEITAÇÃO FAMILIAR DE
PESSOAS COM TEA: uma revisão de literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Marcos Teles do Nascimento

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

LARISSE BORGES MILFONT

**IMPLICAÇÕES ACERCA DA AUSÊNCIA DE ACEITAÇÃO FAMILIAR DE
PESSOAS COM TEA: uma revisão de literatura**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 05/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Marcos Teles do Nascimento

Membro: Prof. Esp. Cicera Jaqueline Sobreira Andriola

Membro: Esp. Alline Leite Garcia Fontenele (Unileão)

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

IMPLICAÇÕES ACERCA DA AUSÊNCIA DE ACEITAÇÃO FAMILIAR DE PESSOAS COM TEA: uma revisão de literatura

Larisse Borges Milfont¹
Marcos Teles do Nascimento²

RESUMO

O TEA é um transtorno do desenvolvimento, que afeta a vida social, o estilo de vida, a interação com as pessoas e o grupo familiar. Ele se caracteriza pelo comprometimento de três áreas, comunicação, interação social, conduta. O presente artigo tem como objetivo analisar o impacto que o diagnóstico do TEA causa na dinâmica familiar. Sendo assim, pretende-se identificar quais as consequências psicossociais da ausência de aceitação do diagnóstico. O artigo apresenta como método o estudo qualitativo, e como instrumento para obtenção dos dados a pesquisa bibliográfica, possibilitando assim uma compreensão através do referencial teórico sobre a contextualização histórico e social do constructo do autismo; relações familiares, luto, negação diagnóstica e negligência e a contribuição do profissional da psicologia diante desse processo. A partir da análise, foi possível observar diversos impactos, dentre aspectos emocionais, dinâmica familiar, entre outros. Logo, os dados obtidos neste estudo, poderão auxiliar na melhor visão sistêmica das famílias, na elaboração de suas vivencias do impacto do diagnóstico. Contribuindo para um melhor conhecimento do contexto dinâmico no espectro do diagnóstico de TEA, bem como suas caracteriza e manifestações.

Palavras-chave: TEA, Diagnóstico, Família, Psicologia

ABSTRACT

ASD is a developmental disorder that affects social life, lifestyle, interaction with people and the family group. It is characterized by impairment in three areas: communication, social interaction and behaviour. The aim of this article is to analyze the impact that a diagnosis of ASD has on family dynamics. The aim is to identify the psychosocial consequences of not accepting the diagnosis. The article uses a qualitative study as its method, and bibliographical research as the instrument for obtaining the data that underpinned the study, thus enabling an understanding through the theoretical framework of the historical and social contextualization of the autism construct; family relationships, mourning, diagnostic denial and neglect and the contribution of psychology professionals to this process. From the analysis, it was possible to observe various impacts, including emotional aspects, family dynamics, among others. Therefore, the data obtained in this study could help to provide families with a better systemic view of their experiences of the impact of the diagnosis.

Keywords: ASD, Diagnosis, Family, Psychology

¹ Discente do curso de Psicologia da UNILEÃO. Email: lary.borges3421@gmail.com

² Docente do curso de Psicologia da UNILEÃO. Email: marcosteles@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), afeta e envolve os diversos contextos da vida do sujeito como, por exemplo, o social, neurológico, biológico, familiar, dentre outros. Todavia, apesar dos avanços e compreensões a respeito do autismo no decorrer da história, ainda não se tem uma perspectiva concreta sobre a sua verdadeira causa. Atualmente, o autismo é tido como um transtorno do desenvolvimento e como uma condição que ocasiona uma série de limitações a pessoa, no qual incluem comprometimento no campo da linguagem, conduta, interação social e na fala, conforme o DSM-5-TR (Apa, 2022).

As pesquisas efetuadas nos Estados Unidos, Europa e Ásia apontam que para cada 10 mil pessoas, 15 apresentam um quadro clínico compatível com TEA, tendo maior prevalência em sujeitos do sexo masculino se comparado com o sexo feminino, equivalendo dentre 2/3 homens para cada mulher. Silva e Chaves (2014), se embasando em dados da Organização das Nações Unidas (ONU), elucidam que há 70 milhões de sujeitos com TEA em todo o globo, visto que (Braga; Santos; Buytendorp, 2019), cerca de 1% afetam o público infanto-juvenil, e simbolizando que para cada 59 nascidos, um possui autismo.

Na esteira desse pensamento, conforme Gallo-Penna (2018), frente a descoberta do diagnóstico de autismo, as famílias experimentam muitos obstáculos e demandas que os afetam expressivamente, o que contribui para o atraso no desenvolvimento da criança. É percebido que durante o processo de adaptação pós-diagnóstico, os familiares expressam dificuldades para acolher a criança e dar o apoio necessário a mesma, além de se deparam com processos subjetivos subjacentes a descoberta, como idealizações a respeito da criança, questionamentos sobre se irão cuidar dela corretamente, sentimentos de raiva, negação, e até mesmo condições mais severas, a exemplo do desenvolvimento de quadros clínicos depressivos e ansiosos. Nesse cenário, a contribuição do profissional da psicologia se faz essencial para ajudar o sujeito e os familiares no processo adaptativo a essa nova etapa da vida, facilitando, assim, a inclusão da criança.

A partir dessas elucidações, esse artigo tem como problemática: quais as consequências psicossociais da ausência de aceitação diagnóstica da criança com Transtorno do Espectro Autista por parte dos familiares?

Esse artigo tem como finalidade contribuir em três extensões: acadêmico e social, pois as discussões levantadas sobre a temática poderão auxiliar novos pesquisadores e sociedade como todo a entender as especificidades e dificuldades que envolvem os processos psicossociais

referente ao diagnóstico de TEA; e; na esfera profissional, as pesquisas efetuadas irão ampliar a compreensão da pesquisadora no tocante a temática do TEA e suas reverberações psicossociais, dando maior suporte tanto teórico como metodológico para a realização de suas intervenções como futura profissional de psicologia.

Logo, o estudo tem como objetivo geral entender as consequências psicossociais da ausência de aceitação diagnóstica da criança com Transtorno do Espectro Autista por parte dos familiares. E como objetivos específicos: contextualizar histórico e socialmente o constructo do autismo; verificar a relevância da aceitação do diagnóstico da criança com TEA e suporte dos familiares frente ao processo de luto e adaptação à nova realidade e; examinar a contribuição do profissional da Psicologia diante do processo do luto da criança com TEA e dos familiares.

2 METODOLOGIA

Em relação aos procedimentos metodológicos, o artigo consiste num estudo qualitativo, de natureza básica, no qual utilizou como instrumento para obtenção dos dados que embasaram o estudo, a pesquisa bibliográfica.

Para Gil (2007), a pesquisa qualitativa não tem como enfoque o desenvolvimento de pesquisas que tomem como base o uso de números como a pesquisa quantitativa faz, sendo mais voltada para uma análise profunda do objeto estudado. Nesse tipo de investigação, o estudioso busca apreender, de forma ativa e parcial, o porquê dos acontecimentos sem a necessidade de realizar quantificações. Aqui, o pesquisador representa simultaneamente o papel de sujeito e objeto, já que participa do processo de construção do saber enquanto questiona, analisa e produz.

A pesquisa bibliográfica, para Marconi e Lakatos (2017), estes a descrevem como um método que permite ao pesquisador se utilizar de referências ou literaturas já publicadas para fundamentar suas pesquisas. Nesse processo de levantamento das bibliografias, o mesmo pode fazer uso de dissertações, artigos, livros, revistas de caráter científico, páginas de web sites confiáveis, dentre outros meios escritos ou digitais. A pesquisa bibliográfica é caracterizada como uma das etapas iniciais de qualquer estudo científico, pois esta possibilita que o estudioso conheça de modo mais aprofundado o objeto de interesse.

Quanto aos critérios de inclusão para a aquisição das bibliografias, foram usados: referências teóricas tanto escritas como digitais publicadas nos últimos cinco anos que possuam ligação com o objeto de estudo vigente; literaturas na língua portuguesa e inglesa; as palavras-chave “*Transtorno do Espectro Autista (TEA)*”, “*suporte familiar*” e “*Psicologia*”; bem como

os artigos encontrados nas bases de dados Scielo, Pepsic e BVSPsi.

E como critérios de exclusão, não foram incluídas quaisquer referências teóricas que não estejam relacionadas com a temática e literaturas publicadas de forma incompleta. A seleção dessas bibliografias se dará a partir da realização da leitura dos títulos e resumo.

Para a análise dos materiais selecionados, foi utilizada a revisão sistemática no qual possibilita ao pesquisador usar de estratégias para filtrar os artigos relevantes relacionando o objeto investigado, analisá-los de modo crítico e sintetizá-los em categorias específicas (Sampaio; Manconli, 2007).

3 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

No percurso de desenvolvimento das reflexões e classificações sobre o autismo, o estudioso Leo Kanner foi um dos precursores no campo da psiquiatria dedicado ao estudo das crianças e aos problemas que as acometiam. Na década de 1930, desempenhou um papel crucial na criação do primeiro serviço psiquiátrico voltado ao atendimento infantil nos Estados Unidos, dessa forma, Kanner é uma figura relevante na constituição de novos sentidos atribuídos ao autismo.

É imprescindível ressaltar que o autismo surgiu como um objeto de estudo no contexto onde a perspectiva psicanalítica ganhava notório destaque, visto que está se destacava como uma teoria capaz de oferecer explicações para questões sociais. Aliado a isso, vivenciava-se uma tentativa de confinar as mulheres aos papéis tradicionais que perpassava a tríade esposa-mãe-dona de casa. A imprensa desempenhou um papel significativo na propagação desses ideais, e a psicanálise foi utilizada como base teórica para tais concepções (Oliveira, 2019; Lin, 2022).

Devido as suas reflexões quanto a nomenclatura estabelecida, a categoria diagnóstica distinta do autismo foi apresentada pela primeira vez no cenário acadêmico apenas no ano de 1943, através da publicação de Kanner na revista *The Nervous Child*. Nesse artigo, Kanner ao estudar 11 crianças notou que seus comportamentos não condiziam como as classificações defendidas pelo discurso médico na época como, por exemplo, retardo mental e o quadro de esquizofrenia, o que fez delinear uma nova nosografia como Distúrbio Autístico do Contato Afetivo (Oliveira, 2019; Lopes, 2021).

A concepção inicial do autismo delineada por Leo Kanner exerceu uma influência preponderante nas décadas iniciais e deixou uma marca significativa na compreensão contemporânea do transtorno. Kanner via o autismo como uma condição rara, caracterizada por

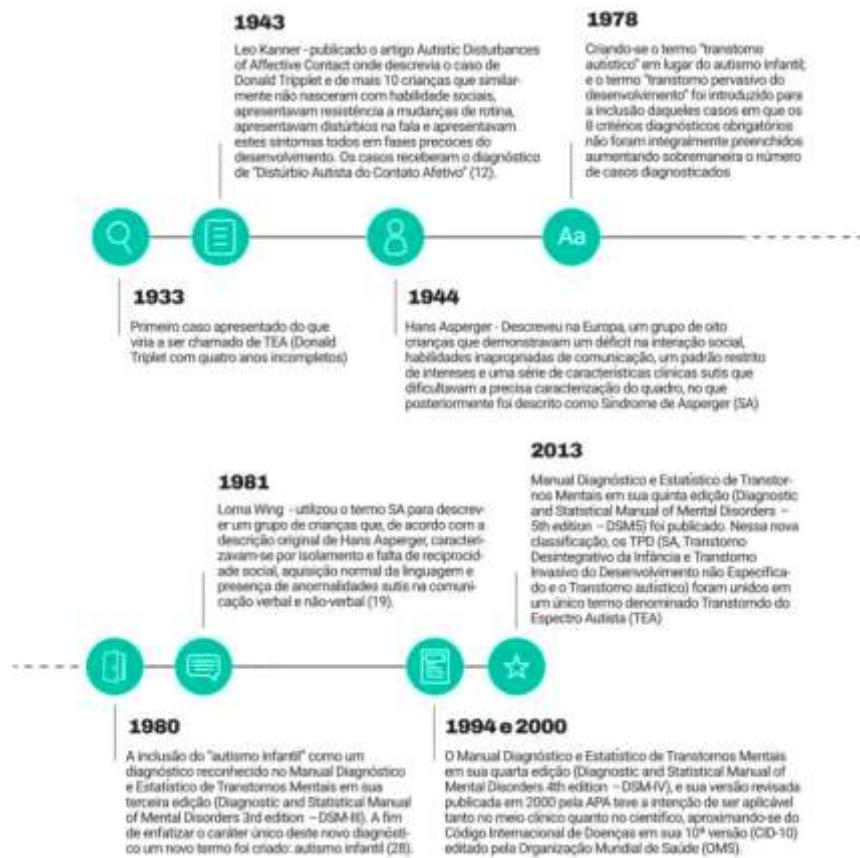
critérios diagnósticos rigorosos, embora subjetivos, e acreditava que sua etiologia estava enraizada em fatores emocionais, especialmente ligados ao cuidado parental, particularmente o materno (Lin, 2022).

Ao observar os pais dos pacientes, Kanner notou uma peculiaridade comum, onde todos eram indivíduos com boa situação financeira, exímios na profissão e com condutas decididas, todavia, tinham dificuldades para se expressar ou ter senso humor. A partir dessas percepções, elaborou uma hipótese de que ausência ou dificuldades em realizar expressões emocionais, sobretudo, por parte da figura materna, poderia estar correlacionado ao desenvolvimento do autismo.

É fundamental lembrar que essa perspectiva, embora influente em seu tempo, foi posteriormente enriquecida e complexificada pelo entendimento contemporâneo do autismo. No contexto atual, compreendemos o autismo como um espectro diversificado, moldado por uma interação complexa de fatores genéticos, neurológicos e ambientais, proporcionando uma visão mais holística e compassiva sobre essa condição (Lopes, 2022; Lin, 2022).

Como se sabe, ao longo da história, o autismo sofreu muitas transformações, ora relacionadas a ausência de afeto, ora vinculada a fatores genéticos, etc. (Sillos et al., 2020, dessa forma, para fins de elucidação, foi elencado uma linha do tempo para observarmos como se deu esse processo de modificação (ver figura 1 abaixo).

Figura 1. Linha do tempo referente as modificações do autismo



Fonte: Lin (2022, p. 23)

Deste modo, atualmente, podemos compreender o TEA numa perspectiva multifatorial, onde o DSM-5-TR (APA, 2022), em sua obra intitulada Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais, proporciona uma exposição acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA), definindo-o como uma condição que se caracteriza pela manifestação de diversas limitações nas esferas da interação social e da comunicação. O TEA engloba déficits no estabelecimento de contatos sociais e na habilidade de gerenciar relacionamentos em diferentes níveis. Historicamente, a conceituação e as percepções relacionadas a crianças diagnosticadas com TEA têm sido permeadas por abordagens que priorizam aspectos patológicos, gerando, consequentemente, declarações preconceituosas e influenciando negativamente a maneira como a sociedade, especialmente as famílias, se preocupam com crianças autistas. Tal cenário dificulta o acesso aos serviços públicos e privados destinados a esse público.

O TEA denota uma condição do desenvolvimento que acarreta inerentes comprometimentos nos âmbitos da comunicação, da interação social e da apreensão e estabelecimento de interesses e relacionamentos. Dentro dessa abordagem, o espectro autista se

compreende como um distúrbio que desencadeia uma progressiva degradação tanto na esfera da linguagem verbal quanto na linguagem não verbal. Aqueles indivíduos que possuem o TEA, em sua generalidade, enfrentam consideráveis desafios ao decifrar expressões faciais, diálogos metafóricos, gestualidades, símbolos e demais manifestações comunicativas (Silva, 2021).

Outro ponto de significância a ser considerado, que afeta determinados indivíduos com TEA, é a manifestação comportamental de reproduzir ou até mesmo imitar palavras e frases previamente ouvidas de pessoas próximas. Tal conduta não busca estabelecer uma comunicação intencional com aqueles ao redor, mas sim, conforme postulado na literatura, refere-se à ecolalia, que se desdobra em duas modalidades: a imediata e a tardia. A ecolalia imediata caracteriza-se pela repetição de palavras ou frases que são captadas por terceiros, seja por membros familiares ou por observadores. Por outro lado, a ecolalia tardia consiste na recorrência de repetir frases e palavras que foram escutadas ao longo do tempo (Pinto et al., 2016; Braga; Santos; Buytendorp, 2019).

Diante disso, o diagnóstico do TEA é realizado por meio de observações clínicas e relatos verbais fornecidos pelos familiares acerca da história da criança com suspeita de autismo. Embora haja avanços científicos, a verdadeira etiologia do transtorno ainda não é plenamente compreendida, sendo comumente associada a uma combinação de fatores. Nos casos em que há suspeita diagnóstica, mas também existem atrasos cognitivos ou de interação, a intervenção precoce realizada por profissionais qualificados desempenha um papel crucial na minimização dos impactos no desenvolvimento da criança (Silos et al., 2020; Freitas, 2022).

No processo de identificação do diagnóstico e verificação da dimensão dos níveis de gravidade, se faz relevante se atentar que cada um requer um tipo de suporte e intervenção específica. Assim, no nível 1 (leve), o sujeito com TEA não precisa de muito suporte, apesar de demonstrar dificuldades na comunicação social e também apresentar condutas restritas e repetitivas. No nível 2 (moderado), a pessoa precisa de um apoio maior, dada as dificuldades graves na comunicação com outro e sensibilidade acentuada na modificação da rotina deste. E nível 3 (severo), em decorrência da extrema dificuldade na comunicação social e comportamentos estereotipados, o sujeito possui muitas limitações para se comunicar e se adaptar as relações sociais e as mudanças fora ou dentro de casa, necessitando, portanto, de um suporte mais significativo dos profissionais e familiares (Braga; Santos; Buytendorp, 2019).

Nessa perspectiva, as pesquisas indicam que, apesar dos avanços científicos na área, ainda existem lacunas no conhecimento sobre a etiologia do autismo (Silos et al., 2020). No entanto, há evidências de que fatores genéticos, idade dos pais, nascimento prematuro, fatores ambientais e cuidados pré-natais podem contribuir de maneira significativa para o surgimento

do TEA (Pinto et al., 2016; Freitas, 2022). Portanto, de acordo com a American Academy of Pediatrics, não existe um sinal patognomônico ou um instrumento definitivo para diagnosticar o TEA, sendo necessário que o médico avaliador observe e os sintomas apresentados pela criança e também ouça os relatos dos familiares sobre os comportamentos, uma vez que muitas vezes são eles que têm relação direta e observam as distintas condutas do filho (Silios et al., 2020).

4 RELAÇÕES FAMILIARES LUTO, NEGAÇÃO DIAGNÓSTICA E NEGLIGÊNCIA

A família desempenha um papel fundamental diante do diagnóstico de autismo, especialmente quando este ocorre precocemente. Ao identificar os sinais e sintomas nos primeiros estágios da vida da criança, a família assume a responsabilidade crucial de buscar a avaliação especializada para uma correta identificação dos sintomas do TEA. Nesse contexto, ao buscar atendimento especializado de forma precoce, os pais ou outros familiares podem contribuir para minimizar os sintomas em estágios posteriores do desenvolvimento da criança, uma vez que um tratamento precoce oferece maiores chances de reduzir os sintomas mais severos ao longo do tempo (Silva, 2021).

Um diagnóstico precoce realizado na idade apropriada (geralmente no primeiro ano de vida) é de suma importância para a implementação de intervenções mais eficazes, aproveitando o período de maior plasticidade neural e, consequentemente, reduzindo as consequências a longo prazo. Estudos demonstram que um diagnóstico precoce, aliado a intervenções de uma equipe multidisciplinar e orientações adequadas aos pais, tem apresentado efeitos significativos na redução dos sintomas do TEA e no aprimoramento do processo de aprendizagem, especialmente nas áreas da comunicação e habilidades sociais (Girianelli et al., 2023).

Gallo-Penna (2018), introduz a concepção de que, diante do diagnóstico e do cuidado de uma criança com TEA, esse contexto exerce uma influência direta e altera as idealizações que os genitores formularam ao longo do período de gravidez em relação ao filho. Nesse sentido, quando os pais se deparam com a disparidade entre as expectativas idealizadas e as características reais da criança, ao mesmo tempo em que enfrentam os desafios e dificuldades no processo de cuidado, eles experimentam sentimentos de ansiedade e assumem um estado de enlutamento. Isso ocorre devido às responsabilidades adicionais que se impõem e que geram um impacto emocional significativo.

É incontestável que, após receberem a notícia do diagnóstico de TEA em relação ao seu filho, a família se depara com dificuldades significativas para acolher e aceitar tal informação.

Geralmente, os pais encontram-se imersos em um turbilhão emocional caracterizado por sentimentos de raiva, culpa e outros afetos, que frequentemente conduzem à negação do diagnóstico e a manifestações de comportamentos adversos, capazes de interferir no processo de desenvolvimento da criança, inclusive durante o período de tratamento. Nesse contexto, além de representar um risco para o bem-estar do próprio indivíduo, tais reações também provocam desgastes expressivos na família como um todo (Freitas, 2022).

De acordo com Silva (2021), a ausência de aceitação diagnóstica em relação ao TEA, principalmente, no recebimento recente da notícia, pode ser atribuída aos investimentos de caráter simbólicos que exercem considerável influência na construção de um imaginário no tocante ao filho com TEA. Nesse contexto, a concepção idealizada de um nascimento saudável e desprovido de limitações constitui uma projeção fantasiosa por parte dos genitores, cuja não realização no plano da realidade implica em uma situação de vulnerabilidade, uma vez que as expectativas acerca do nascimento do filho se encontravam em uma perspectiva divergente.

A negação do diagnóstico pode ser ocasionada por diversos elementos, incluindo o temor do desconhecido, a apreensão em relação ao futuro da criança, a dificuldade em lidar com as necessidades específicas decorrentes do TEA e a pressão social para se adequar a um padrão de "normalidade". Cabe ressaltar que a aceitação e o suporte adequados são fundamentais para o bem-estar da criança com TEA e para auxiliar a família a enfrentar os desafios inerentes a esse transtorno (Silva, 2021).

5 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE ACEITAÇÃO E SUPORTE FAMILIAR.

Conforme apontado por Duarte (2019), o sistema familiar desempenha um papel crucial na formação dos indivíduos, influenciando diretamente o desenvolvimento e a constituição da personalidade por meio das interações e ensinamentos familiares. Mudanças e crises na dinâmica familiar exigem adaptações, incluindo processos de luto e reorganização, sendo consideradas normais e necessárias para o desenvolvimento dos membros da família (Machado, Londero e Pereira, 2018).

O nascimento de um filho, por exemplo, é apontado por Machado et al. (2018) como um evento que desencadeia mudanças significativas, exigindo reorganização dos papéis familiares para atender às necessidades da criança. Posteriormente, quando surgem os sintomas e há a possibilidade de diagnosticar o autismo, os familiares enfrentam desafios adicionais que

ameaçam não apenas o desenvolvimento da criança, mas também o desenvolvimento pessoal dos próprios familiares.

É crucial que os profissionais de saúde forneçam informações de maneira responsável, evitando omissões na tentativa de amenizar a situação. A forma como o diagnóstico é comunicado desempenha um papel fundamental na resposta emocional da família (Oliveira, 2018). A falta de profissionais capacitados para lidar com o autismo é uma fonte constante de insatisfação por parte dos pais (Martini, 2019).

É imperativo considerar os sentimentos e reações dos familiares no momento do diagnóstico. A negligência dessas percepções pelos profissionais de saúde pode resultar em conflitos emocionais significativos no processo de cuidado (Pinto et al., 2016). A forma como a notícia é transmitida influencia as reações dos pais, e a confusão associada ao diagnóstico e às características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode impactar a aceitação pela família (Oliveira, 2018).

Estabelecer um vínculo eficaz entre a equipe de saúde e a família é essencial para compartilhar dúvidas e angústias que surgem com o diagnóstico. A qualidade das informações fornecidas pode afetar significativamente como os familiares lidam com a situação, encorajando a participação ativa nas decisões sobre o tratamento, especialmente dada a complexidade e controvérsia ainda existentes no campo do autismo (Pinto et al., 2016).

Autores como Oliveira e Poletto (2015) destacam a importância da capacitação de profissionais de saúde para uma abordagem multidisciplinar na comunicação do diagnóstico, ressaltando a necessidade de apoio, identificação de recursos e serviços de saúde disponíveis para as famílias.

Nesse sentido, Duarte (2019) destaca a importância do acompanhamento psicológico dos pais após o diagnóstico de TEA, ressaltando a responsabilidade deles no desenvolvimento favorável da criança, em conjunto com profissionais que possam apoiar as famílias nesse percurso. A promoção da saúde mental dos familiares pode contribuir para atenuar as dificuldades emocionais associadas ao diagnóstico, facilitando a compreensão do transtorno e buscando tratamentos eficazes (Oliveira & Poletto, 2015).

A psicologia desempenha um papel fundamental na abordagem do autismo ao prestar assistência às famílias, procurando adquirir conhecimento para fornecer prognósticos eficazes. Reconhece-se que os pais desempenham um papel central na evolução do tratamento e, portanto, também necessitam de apoio, uma vez que enfrentam toda a carga emocional associada a esse transtorno (Duarte, 2019). O impacto do autismo pode se estender ao ciclo de vida de todos os membros da família, afetando a estrutura familiar e representando um desafio

ao seu desenvolvimento. Dois aspectos fundamentais a serem abordados com as famílias são a força psicológica pessoal e a coesão familiar (Machado et al., 2018).

Fadda e Cury (2019) indicam que, apesar das muitas questões ainda não resolvidas em relação ao autismo, os pais parecem se beneficiar ao compartilharem suas experiências e ao receberem uma escuta atenta. Em consonância com essas descobertas, Duarte (2019) ressalta a importância do apoio psicológico em grupos terapêuticos. Ele destaca a satisfação dos pais ao receberem esse suporte, pois se sentem acolhidos e mais envolvidos no desenvolvimento de seus filhos. Participar de dinâmicas grupais com outros pais proporciona uma oportunidade para entender melhor os aspectos do transtorno e também funciona como um momento dedicado a eles, onde podem expressar angústias e compartilhar experiências.

O apoio psicológico em grupo para pais vai além de uma simples reunião de pessoas; é concebido como um espaço que promove interesses comuns, com objetivos claros, estrutura definida, sigilo e confiabilidade. Esse ambiente representa um local onde os pais podem compartilhar informações e sentimentos, desempenhando uma função terapêutica essencial na redução das angústias e na promoção do aprendizado (Martini, 2019).

Além de ressaltar a relevância do suporte psicológico aos pais para acolher suas angústias e orientar no manejo diário com o filho autista, é crucial integrar profissionais de educação, saúde, terapeutas em geral e pais para otimizar o prognóstico da criança (Duarte, 2019). A participação de cada profissional, contribuindo com suas competências no trabalho coletivo em prol da criança, pode beneficiar o desenvolvimento da mesma, com a equipe desempenhando a função de apoio e proteção (Delion, 2015).

É fundamental conhecer a experiência das famílias que têm crianças com TEA para aprimorar as intervenções voltadas a elas (Machado et al., 2018). Delion (2015) destaca que os profissionais envolvidos no tratamento do autismo devem reconhecer a importância dos pais, pois eles possuem o conhecimento mais profundo sobre a história de seus filhos, mesmo diante de possíveis resistências causadas pelo luto pelo diagnóstico. O trabalho em equipe, quando realizado com qualidade e compreensão, conduz a resultados mais satisfatórios em termos de saúde e bem-estar físico, psicológico, social e emocional das pessoas envolvidas (Maia et al., 2016).

Estabelecer uma aliança de trabalho que transforme os pais em parte integrante da equipe de tratamento permite um entendimento abrangente da criança e acolhe a família, considerada o ambiente natural no qual a criança passa a maior parte do tempo (Delion, 2015). É crucial que todas as intervenções e observações realizadas durante o tratamento do filho sejam compartilhadas com os pais, proporcionando uma percepção mais completa da criança e um

envolvimento efetivo dos pais (Delion, 2015).

Em resumo, Duarte (2019) identificou a necessidade de sensibilizar o olhar para os pais de crianças autistas, reconhecendo que eles também precisam de apoio para compreender, lidar e conviver com o transtorno, dadas as muitas incertezas associadas a ele. As autoras Oliveira e Poletto (2015) enfatizam a importância evidente da atenção, especialmente da Psicologia, aos pais de crianças com transtornos crônicos, para que possam manter uma atitude equilibrada diante dos conflitos e desafios evocados pelo autismo, preservando assim a saúde mental e fortalecendo as relações parentais e conjugais (Oliveira; Poletto, 2015).

O profissional de psicologia pode oferecer atendimentos individuais ou em grupo aos pais, buscando acolher, facilitar a compreensão de seus próprios sentimentos e auxiliar na compreensão do papel que desempenham. Esse suporte inclui fornecer informações sobre as peculiaridades do autismo, promover a troca de experiências e ajudar na percepção do potencial e das limitações do filho (Oliveira & Poletto, 2015). O psicólogo deve adotar uma perspectiva abrangente, considerando todos os fatores que atuam na família com um membro autista, observando tanto os aspectos individuais quanto os grupais do sistema familiar (Duarte, 2019). Transformar sentimentos como dor, culpa, revolta e cansaço em oportunidades de mudança e proporcionar a compreensão de que os tratamentos não implicam na cura, mas na busca pelo melhor desenvolvimento da criança, são desafios cruciais do suporte psicológico aos pais de filhos autistas (Machado et al., 2018; Martini, 2019).

As implicações psicológicas para os pais ao receberem o diagnóstico destacam a necessidade de apoio pessoal para que possam encontrar forças internas para compreender o transtorno. É fundamental considerá-los como aliados dos profissionais na busca do melhor para o filho, pois pais desestabilizados podem ter dificuldades para compreender e apoiar o autista, assim como os tratamentos realizados (Delion, 2015).

Os estudos discutem a escassez de trabalhos no Brasil que abordam intervenções para pais de filhos com autismo, o que pode deixar essas famílias vulneráveis, muitas vezes idealizando a cura do espectro autista de seus filhos (Hamer et al., 2014). A publicação de obras que abordem os desafios enfrentados pelas famílias ao longo do desenvolvimento de filhos autistas e a preparação de órgãos públicos e profissionais da área para atender a essas famílias, fornecendo orientações sobre inquietações e questionamentos diante da multiplicidade de tratamentos existentes, é crucial (Duarte, 2019).

Entretanto, para que as famílias enfrentem de maneira saudável a crise e retomem seu curso de desenvolvimento, é essencial que recebam apoio e suporte psicológico adequados. O bem-estar da criança e da família estão interligados, e a adaptação das famílias depende da rede

de apoio e dos serviços disponíveis para acompanhá-las e apoiar suas crianças (Machado et al., 2018).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aprofundada das repercussões decorrentes da falta de aceitação familiar em relação às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) revela uma série de desafios e impactos significativos. A revisão de literatura proporcionou uma visão abrangente dos diversos aspectos que compõem essa realidade complexa, destacando a necessidade urgente de uma mudança de perspectiva e atitudes por parte das famílias em relação aos membros autistas.

Em primeiro lugar, torna-se evidente que a ausência de aceitação familiar exerce um efeito prejudicial sobre o bem-estar emocional e psicológico das pessoas com TEA. A falta de compreensão e apoio dentro do ambiente familiar pode resultar em sentimentos de isolamento, baixa autoestima e ansiedade. Nesse contexto, é crucial enfatizar a importância da construção de um ambiente acolhedor e inclusivo, no qual os indivíduos autistas se sintam valorizados e aceitos por quem são.

Além disso, a revisão da literatura destaca que a ausência de aceitação familiar pode contribuir para desafios adicionais no desenvolvimento social e na construção de habilidades de comunicação nas pessoas com TEA. O apoio e a compreensão da família desempenham um papel fundamental na promoção da autonomia e no desenvolvimento dessas habilidades, influenciando diretamente na qualidade de vida dos indivíduos autistas.

A falta de aceitação familiar também impacta a participação plena e efetiva das pessoas com TEA na sociedade. A discriminação e a falta de apoio dentro da própria família podem gerar um ciclo de exclusão social, limitando as oportunidades educacionais, profissionais e sociais para os indivíduos autistas. Portanto, é imperativo que as famílias assumam um papel ativo na promoção da inclusão e na defesa pelos direitos das pessoas com TEA.

Concluindo, esta revisão de literatura destaca a importância crítica da aceitação familiar no contexto do Transtorno do Espectro Autista. A conscientização, a educação e o estabelecimento de redes de apoio são elementos essenciais para criar um ambiente positivo e favorável ao desenvolvimento e bem-estar das pessoas com TEA. A mudança de atitudes dentro da família não apenas beneficia diretamente os indivíduos autistas, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com a diversidade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA – APA. DSM-5-TR. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BRAGA, P. G.; SANTOS, S. Q. M.; BUYTENDORP, A. A. B. M. **Cartilha transtorno do espectro**. Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul – SED/MS, 2019. Disponível em: <<https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/Cartilha-TEA-E-Book-1.pdf>>. Acesso em: 01/05/2023.

FREITAS, J. L. **Transtorno De Espectro Autista (TEA) - Pós-Diagnóstico**. 2022. 35 f. Trabalho de conclusão em Psicologia. Universidade de Uberaba. Uberaba – MG. 2022. Disponível em: <https://dspace.uniube.br/bitstream/123456789/2077/1/JENN%20LUCIO%20DOS%20SANTOS.pdf>. Acesso em: 20/05/2023.

GALLO-PENNA, E. C. Qualidade de Vida de Mães de pessoas com o diagnóstico de Autismo. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v.6, n.1, p.1-9, 2018. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgd-d/article/view/11156>>. Acesso em: 01/05/2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIRIANELLI, V. R. Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento, Brasil, 2013–2019. **Rev Saúde Pública**, v. 57, n .21, p. 1-12, 2023. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2023.v57/21/pt>>. Acesso em: 02/05/2023.

LIN, J. **O Transtorno Do Espectro Autista Como Um Sintoma E Não Um Diagnóstico: Considerações Clínicas E Pré-Clínicas Em Busca Da Compreensão Do Autismo**. 2022. 153 f. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Criciúma, 2022. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/10112/1/Jai-me%20Lin.pdf>>. Acesso em: 15/09/2023.

LOPES, B. A. A Culpabilização De Mães De Autistas Ao Longo Das Décadas De 1940 A 1960. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v.14, n.1, jan.-jun., 2021. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosfronteiras/index.php/v03n02/article/view/1113/pdf>>. Acesso em: 15/09/2023.

Machado, M. S., Londero, A. D., & Pereira, C. R. R. A jornada de tornar-se família de uma criança com transtorno do espectro autista, 2018. **Contextos Clínicos**, 11(3), 335-350. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2018.113.05>

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 8^a. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

MARTINI, A. M. R. A integração do estrangeiro: grupo familiar na construção de conexões. **Vínculo**, 16(1), 78-88. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.32467/issn.198-2-1492v16n1p78-88>. Acesso 18 de nov de 2023.

OLIVEIRA, A. L. S. de. Desafios enfrentados pelos pais ao lidar com a aceitação da deficiência de seus filhos após o diagnóstico [Versão Eletrônica]. *Psicologia: o portal dos psicólogos*, 2018. Em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1202.pdf> Acesso 18 de nov de 2023

OLIVEIRA, I. G. de. & POLETTI, M. Experiências emocionais de mães e pais de filhos com deficiência, 2015. *Revista da SPAGESP*, 16(2), p. 102-119.

OLIVEIRA, S. R. **A Inclusão da Criança Com Autismo na Educação Infantil: Compreendendo a Subjetividade Materna**. Brasília: 2019. 206 p.

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Rev Gaúcha Enferm**, v. 37, n. 3, p. 1- 9, set, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rge/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/?format=pdf&la-ang=pt>>. Acesso em: 15/05/2023.

PINTO, R. N. M., Torquato, I. M. B., Collet, N., Reichert, A. P. da S., Souza Neto, V. L. de, & Saraiva, A. M. (2016). Autismo infantil: impacto do diagnóstico e suas repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37(3), e61572. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos De Revisão Sistemática: Um Guia Para Síntese Criteriosa Da Evidência Científica. **Rev. bras. fisioter.** São Carlos, v. 11, n.1, p. 83-89, jan./fev, 2007.

SILLOS, I. R. et al. A Importância De Um Diagnóstico Precoce Do Autismo Para Um Tratamento Mais Eficaz: Uma Revisão Da Literatura. **Atenas Higieia**, v.2, n. 1, p.1-8, Jan, 2020. Disponível em: < <http://atenas.edu.br/revista/index.php/higieia/article/vi-ew/19/33> >. Acesso em: 15/05/2023.

SILVA, E. P. C. **Os impactos do diagnóstico do transtorno do espectro autista na família.** 2021. 51 f. Monografia em Psicologia. Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco. São Luís. 2021. Disponível em: <

SILVA, R. S; CHAVES, E. F. Autismo, reações e consequências nas relações familiares. **Revista de Psicologia**, Rio Grande, v.17, n.26, 2014. Disponível em: < <https://revista.pgsskroton.com/index.php/rencc/article/view/2413/2315> >. Acesso em: 02/05/2023.